

REFLEXÕES SOBRE INTERNET E INFÂNCIA: O QUE DIZ A BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA BRASILEIRA?

REFLECTIONS ON INTERNET AND CHILDHOOD: WHAT DOES BRAZILIAN ACADEMIC BIBLIOGRAPHY SAY?

Amanda Raquel da Rocha Sarmiento Ferraz **1**
Adilson Rocha Ferreira **2**
Deise Juliana Francisco **3**

Resumo: Grande parte da população global utiliza a Internet como uma ferramenta significativa para auxiliar procedimentos diversos do dia a dia, e esse tipo de acesso tem se estendido não só às necessidades de adultos e adolescentes, mas também se aplicado com intensidade ao público infantil. Sendo assim, torna-se necessária a busca efetiva sobre as interações entre as crianças com o mundo digital, o mundo da internet. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico que buscou investigar os processos da inserção da internet na infância, mais especificadamente entre crianças com idade de 5 a 10 anos, buscando contribuições acadêmicas para sistematizar os benefícios e adversidades do uso feito pelas crianças, apontando aspectos como a mediação parental e escolar. Para isso, o estudo segue uma abordagem de pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Por fim, os artigos reunidos permitiram a identificação de como a internet pode iniciar na vida criança, bem como compreender como as mediações da escola e dos pais e responsáveis são importantes na prevenção de possíveis situações importunas sofridas na infância em ambientes online.

Palavras-chave: Internet. Crianças 5-10 anos. Cibercultura.

Abstract: A large part of the global population uses the Internet as a significant tool to assist different daily procedures, and this type of access has been extended not only to the needs of adults and adolescents, but also applied with intensity to children. Thus, it is necessary to effectively search for interactions between children with the digital world, the internet world. In this sense, it is a qualitative research of bibliographic character that sought to investigate the processes of insertion of the internet in childhood, more specifically among children aged 5 to 10 years, seeking academic contributions to systematize the benefits and adversities of the use made by children, pointing out aspects such as parental and school mediation. For this, the study follows a qualitative research approach of bibliographic character. Finally, the collected articles allowed the identification of how the internet can start in the child's life, as well as understand how the mediations of the school and the parents and guardians are important in the prevention of possible annoying situations suffered in childhood in online environments.

Keywords: Internet. Children 5-10 years. Cyberculture.

Graduada em Pedagogia pela UFAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9033731616985108>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3742-6104>.
E-mail: quel_amd@hotmail.com **1**

Doutorando e Mestre em Educação pela UFAL. Professor da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0303655687584004>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5858-5935>.
E-mail: adilsonrf.al@gmail.com **2**

Doutora em Informática na Educação pela UFRGS. Professora Associado II da UFAL lotada no Centro de Educação (CEDU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3256764275787933>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2130-2588>. E-mail: deisej@gmail.com **3**

Introdução

Uma pesquisa divulgada através do site da Organização das Nações Unidas no Brasil (ONU/BR), realizada no ano de 2017 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), indica que um em cada três usuários de internet são crianças e adolescentes menores de 18 anos. Considerando que esta pesquisa se refere a nível mundial, esse é um número bastante considerável. A pesquisa ainda relata:

Um maior número de testes empíricos revela que as crianças estão acessando a internet em idades cada vez mais jovens. Em alguns países, as crianças menores de 15 anos têm a mesma probabilidade de usar a internet que os adultos maiores de 25 anos (NIÑOS EN UN MUNDO DIGITAL, 2017, p. 1).

É notável que a tecnologia esteja em constante atualização e avançando velozmente, abrindo espaço para que a Internet se torne cada vez mais acessível.

Os meios eletrônicos e a Internet não serão a causa única das mudanças operadas na infância contemporânea; mas eles permeiam as vivências quotidianas das crianças e estão presentes nos dispositivos, modos e processos de elaboração e reelaboração dos saberes das crianças (BARRA; SARMENTO, 2006, p. 63).

Vale também ressaltar a grande importância do adulto como sujeito diretamente responsável pela intermediação entre criança e os dispositivos tecnológicos. Muitos adultos fornecem esses dispositivos às crianças como uma forma de ocupá-las em momentos em que precisam desenvolver alguma atividade sem a presença da criança, mesmo em ambientes sociais, sendo esta uma forma não muito conveniente de utilização desses aparelhos (ANJOS, 2015).

A partir das informações obtidas neste trabalho, é possível verificar a real relação das crianças com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e relacionar com novas formas de ensino-aprendizagem atrativas e eficientes aplicadas ao fazer pedagógico. É necessário entender que as ferramentas tecnológicas fazem parte da vivência da criança fora de sala de aula. Sendo assim, muitas instituições já promovem a inserção dessa tecnologia como um alicerce para o aprendizado, fazendo com que a escola se torne cada vez mais conectada na vida do aluno. Sobre a importância dessa tecnologia na aprendizagem, Kemec e Forno (2011, p. 2) ressaltam:

A presença cada vez maior das mídias e tecnologias digitais, no cotidiano das pessoas, leva à consideração da sua importância na prática pedagógica embora ainda observa-se, na educação, certa resistência dos professores quanto ao uso das mesmas no processo de aprendizagem. Portanto, torna-se necessário, além da inserção do uso das mídias e tecnologias digitais no projeto político pedagógico da escola, a mudança de comportamento por parte dos professores.

Tomando como base a presente argumentação, este estudo estabelece como problema de pesquisa: O que a literatura acadêmica aponta sobre o uso da internet por crianças com idade entre 5 a 10 anos?

Desta forma, o objetivo geral passa ser investigar os processos da inserção da internet feito por crianças com idade entre 5 e 10 anos. Os objetivos específicos são: analisar os motivos pelos quais as crianças fazem utilização das TDIC; citar fatores que podem ocasionar algum tipo de risco para as crianças no uso da internet.

A sociedade digital e suas relações com a cultura infantil

A sociedade atual cresce aceleradamente rumo aos avanços diários das tecnologias digitais. O uso de computadores e tecnologias que oferecem à Internet para diversos fins tem se intensificado a vida das pessoas de forma a gerar mudanças em áreas como relacionamentos, nas formas de consumo, na aprendizagem, entre diversas outras áreas que competem ao cotidiano do ser humano.

Quando as tecnologias passam a ser essenciais em uma sociedade, presume-se que estas alcancem o público em suas diferentes faixas etárias. Sendo assim, não só os adultos podem ter acesso às informações digitais, como também as crianças têm desenvolvido um grande interesse pela aprendizagem e utilização desses recursos oferecidos pelos meios digitais. Dessa forma, observa-se uma significativa mudança nos processos que envolvem a cultura e o desenvolvimento intelectual das crianças devido à crescente produção de conteúdo gerada em grande escala.

É importante explicitar que o modelo de infância tem se modificado com o passar dos anos e das inovações. As brincadeiras, as formas de interação e formação de relacionamentos, formas de aprendizagem, entre outros, vivem em constantes transformações, sendo que as crianças estão acompanhando as inovações que as TDIC oferecem frequentemente.

Essas crianças já nascem em uma sociedade em que grande parte das famílias necessita ou opta em ter o acesso à essas tecnologias no decorrer do dia, estando então suscetíveis à aprendizagem, até mesmo precoce, da utilização desses meios pela interação. Neste caso, as atividades fornecidas através da internet passam a preencher grande parte do tempo do dia da criança em relação a outras que não estão relacionadas ao mundo virtual (BRITO; DIAS, 2017).

Por estarem em fase de desenvolvimento cognitivo, as crianças foram educadas e vistas na sociedade como apenas receptoras de conhecimentos gerados de acordo com o meio em que vive, de acordo com a cultura do adulto. Para Couto (2013), nos encontramos em uma cultura diferente de épocas passadas, ou seja, estamos na era da cibercultura, quando as crianças também são as produtoras de informação. Assim,

Como sujeito social e histórico a criança vive e promove mudanças no seu meio. Atualmente, é a tecnologia digital que medeia cada vez mais as nossas relações sociais. É ela que organiza o cotidiano. Ora, se é assim para todos, não pode ser diferente para as crianças. A cibercultura infantil deve, portanto, ser entendida para além dos aparelhos e dos usos, pois ela é, principalmente, o conjunto variado de saberes e atitudes, de conteúdos produzidos por e para os infantes (COUTO, 2013, p. 901).

Essa maneira de viver a cultura infantil, entendendo que a própria criança está construindo seus conceitos de relações através das possibilidades de comunicação a ela ofertadas no mundo digital, faz com que o adulto tenha a possibilidade de aproximar-se da realidade vivida pela criança e tenha maior envolvimento com o seu cotidiano. Sendo assim, compreender as características dessa cultura é um elemento importante a se pontuar.

A criança e a cibercultura

Com o surgimento das tecnologias e a expansão da Internet que atinge públicos variados, de diferentes idades através de telefones modernos, tablets, computadores com sistemas cada vez mais rápidos, surgiu também a nova cultura conhecida como Cibercultura. Conforme Couto (2013), essa cultura se formou com o uso das redes sociais que fazem com que as pessoas interajam e sociabilizem através desses aparelhos eletrônicos conectados à internet, construindo novas formas de vivência. Para o autor, as crianças são as mais atraídas por essa nova cultura, que neste caso, passa a ser reconhecida com Cibercultura Infantil, que envolve comportamento, formas de socialização e troca de informações geradas pelas crianças através

da rede de internet. O autor ainda expõe que a Cibercultura Infantil desmistifica a ideia arcaica de que crianças são apenas receptoras da cultura e do conhecimento, trazendo uma visão de que elas produzem, têm ideias e conseguem desenvolver as próprias criações, proporcionando ao outro informações da sua cultura.

Como sujeito social e histórico a criança vive e promove mudanças no seu meio. Atualmente, é a tecnologia digital que medeia cada vez mais as nossas relações sociais. É ela que organiza o cotidiano. Ora, se é assim para todos, não pode ser diferente para as crianças. A cibercultura infantil deve, portanto, ser entendida para além dos aparelhos e dos usos, pois ela é, principalmente, o conjunto variado de saberes e atitudes, de conteúdos produzidos por e para os infantes (COUTO, 2013, p. 901).

Nos últimos anos, pesquisas evidenciaram o grande crescimento de internautas brasileiros entre 2 e 11 anos de idade:

Dados de setembro de 2012 mostram que a quantidade de internautas brasileiros de 2 a 11 anos apresentou um aumento expressivo. “As crianças nessa faixa etária já representam 14,1% de toda a comunidade conectada no país, chegando a 5,9 milhões”[...]. Nesse contexto, a conexão em real e a vida *online* passam a ser vistas como um complexo cenário de ação infantil num espaço-tempo de comunicação, socialização e aprendizagem (COUTO, 2013, p. 902).

Dados como estes são constatados em pesquisas de vários países:

Os estudos de Lauricella *et al.* (2015) referem que 86% de crianças com menos de 8 anos no Reino Unido têm acesso a um computador em casa, 69% a um smartphone e 40% a um tablet. No Reino Unido as crianças estão uma média de 75 minutos por dia a ver televisão e o seu segundo meio digital preferido é o tablet, utilizando-o durante 29 minutos por dia. Nos Estados Unidos, 45 minutos por dia são dedicados a ver televisão, 27 minutos a ver vídeos em dispositivos móveis e 22 minutos a utilizar outras aplicações. Relatórios de algumas empresas ligadas a tecnologias destacam o crescimento considerável da utilização do tablet. Segundo a OFCOM (2013), em crianças entre 5 a 7 anos, o uso do tablet cresceu de 11% em 2012 para 39% em 2013. Além disso, 68% de crianças de 5 a 7 anos possuem dispositivos móveis[...] A CommonSense (2013) relata que 3 de 4 crianças têm acesso a um smartphone ou tablet em casa e o número de crianças com menos de 8 anos que têm o seu tablet pessoal subiu de 8% em 2011 para 40% em 2013 (LAURICELLA; WARTELLA; RIDEROUT, 2015 *apud* BRITO; DIAS, 2017, p. 74).

A partir da curiosidade e desejos da própria criança estimulados pela variedade de produtos, informações e atrativos da Internet, as crianças desenvolvem cada vez mais rápido suas habilidades para lidar com uma tecnologia que é rápida tão como o seu desenvolvimento. Quanto maior for o acesso da criança com a Internet, maior e mais rápido será o aprendizado

com esta tecnologia, onde para ela será uma forma de permear ambientes até então fisicamente inacessíveis, como também se comunicar e expressar suas necessidades, interagindo e conhecendo pessoas, lugares, objetos, músicas, ou seja, tudo que envolve o mágico mundo da infância, sem limites, encontra-se na Internet.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, sendo uma revisão de literatura que visa apresentar informações sobre a utilização da internet por crianças com idade entre 5 e 10 anos. Se faz necessário evidenciar que os objetivos da pesquisa envolvem identificar quais são os motivos que fazem com que crianças utilizem a internet, compreendendo a atuação significativa da mediação dos pais nesse contexto. A atuação da escola também foi discutida durante a pesquisa, como se utilizam das tecnologias e a importância da inclusão digital nesse meio. A escola também foi descrita como um dos agentes mediadores importantes entre a criança e a internet. Outro tópico discutido no trabalho refere-se a possíveis problemas que o uso da internet não mediado pode acarretar na saúde e no desenvolvimento escolar e social da criança. Compreende a este trabalho relacionar os aspectos e dimensões dos estudos com o tema central, afim de fornecer ao campo acadêmico uma nova fonte de estudos e de possíveis reflexões sobre a realidade vivenciada atualmente.

Com o objetivo de apresentar informações precisas e analisadas, foram utilizadas fontes secundárias a partir de uma revisão de Literatura. O acesso às informações obtidas neste trabalho foi feito de maneira unicamente online, utilizando plataformas: Scientific Electronic Library Online (SciELO); Google Acadêmico.

Foram feitos cruzamentos com essas bases de dados, utilizando-se de termos como crianças *and* tecnologia *and* educação; internet *and* infância; internet *and* educação. Como filtro de pesquisa, foram utilizados artigos elaborados a partir de estudos que compreendessem quaisquer das idades requeridas neste trabalho. Estão presentes estudos realizados nos países: Brasil e Portugal. Não houve delimitação quanto à data de publicação dos artigos e pesquisas, devido ao número reduzido de materiais disponíveis nas plataformas com a idade e tema delimitados.

As citações dos autores presentes neste trabalho são baseadas em estudos e pesquisas feitos com crianças de diversas idades, contudo, as faixas etárias requeridas para o desenvolvimento do artigo estão inclusas em todos os referenciais teóricos.

Com o intuito de selecionar apenas os trabalhos que possuíssem relação com o tema, trazendo contribuições para as reflexões, foram acrescentados critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram: estudos que continham crianças com idades entre 5 e 10 anos, podendo os artigos relacionados com o âmbito educacional estar apenas especificando a fase do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano); estudos diretamente relacionados com situações que envolvam a realidade do cotidiano das crianças e que contemplem escolas e profissionais da educação, não necessitando, nestes casos, que a idade da criança seja especificada; estudos publicados em Português brasileiro, Português europeu. Já os critérios de exclusão foram: artigos que, de forma alguma, mencionem o termo “criança” como objeto de estudo e estudos com eletrônicos que não deixassem claro o intermédio da Internet para sua utilização.

Resultados

Dentre os 89 trabalhos pesquisados, a amostra ficou composta por 17 artigos, todos selecionados de fontes Brasileiras e Portuguesas. Entre os 17 artigos, 15 são de publicação brasileira, e outros 2 de publicação portuguesa. 13 artigos foram encontrados através da plataforma Google Acadêmico, outros 3 na plataforma SciELO.br e 1 na plataforma SciELO.PT. Os veículos de coleta dos arquivos se deram da seguinte forma: 7 artigos publicados em repositórios e periódicos de Universidades brasileiras, 1 artigo foi publicado em congresso, 4 foram coletados de revistas, sendo dois destes de revistas de Psicologia e outros 2 de revistas de publicação acadêmica, 1 artigo através de portal de psicologia, 1 artigo do portal do governo eletrônico, e para finalizar outros 3 coletados através do portal de pesquisas brasileiras relacionadas ao uso

das tecnologias.

A leitura realizada para este trabalho se deu de forma crítica para definição de blocos temáticos, que foram agrupados da seguinte forma: 1. Os pais/responsáveis como mediadores entre o acesso da criança e a Internet; 2. A internet pode tornar-se um problema?.

Os pais/responsáveis como mediadores entre o acesso da criança e a Internet

Para complementar a discussão sobre a interação das crianças com a internet, torna-se necessário mencionar o papel dos pais e responsáveis como mediadores. De acordo com Brito e Dias (2017), é a partir da utilização das mídias pelos pais (ou parentes com que a criança conviva) que ela desenvolverá suas habilidades e práticas com as mesmas. É primeiramente na observação, onde os pais por muitas vezes fornecem o primeiro contato da criança ainda no início de sua vida com os dispositivos tecnológicos, que as crianças aprendem como devem fazer essa utilização. Muitas vezes, devido à necessidade desses pais em ocupar a criança para realizar suas atividades como atividades domésticas, por exemplo, a criança fica, por um período às vezes até longo, com contato direto com esses dispositivos. O autor Anjos (2015) reforça como grande parte das situações ocorrem em que na criança são despertados interesses em estar se comunicando em ambientes virtuais, em troca até mesmo da interação com outros adultos e crianças:

As TDIC também têm trazido implicações para a qualidade dos contatos e das relações presenciais. Alguns adultos, por exemplo, oferecem as TDIC para crianças em ambientes sociais, como se estas fossem substitutas das situações presenciais e como forma de manter a criança ocupada em alguma tarefa, cujo objetivo é o de que a criança não traga nenhum tipo de demanda para o adulto. Em bares e/ou restaurantes, muitas pessoas passam boa parte do tempo interagindo nos ambientes virtuais e, às vezes, desconsideram a presença física de amigos e/ou familiares. Esta é uma realidade que também é um desafio a ser enfrentado: encontrar uma maneira equilibrada de utilizar as TDIC, aproveitando os benefícios que elas podem trazer para a vida cotidiana, porém sem que isso prejudique as relações interpessoais e a convivência presencial (ANJOS, 2015, p. 31).

Quando as crianças passam, de certa forma, a serem estimuladas ao frequente uso da Internet, onde nem sempre há uma mediação adequada quanto a tempo destinado ao uso e conteúdo assistido, possivelmente a curto ou longo prazo, seus interesses pela comunicação e interação naturais com outras pessoas passem por algum tipo de alteração, o que envolve crianças de todas as idades. De acordo com Anjos (2015), isso torna-se uma preocupação a partir do momento em que a Internet passa a afetar esses laços naturais de convivência na sociedade. Ao analisar as palavras do autor, nota-se que o mesmo tornou compreensível aos adultos a importância de uma mediação consciente sobre riscos e benefícios dessa tecnologia na vida da criança.

Quando as crianças desenvolvem um condicionamento à prática constante de utilização dos aparelhos tecnológicos que possuem acesso à Internet, como a situação anteriormente citada, e passam a ter muito tempo com os dispositivos tecnológicos, aprendem por muitas vezes a manuseá-los melhor até do que o próprio adulto, entendendo os comandos para ter acesso a conteúdos que as interessem através dos inúmeros sites disponíveis e que surgem a cada dia especificamente para este público. As autoras ressaltam esses aspectos de acordo com a mediação parental:

[...] a principal origem de mediação parental é a imitação. Os meios digitais dos pais estão disponíveis em casa e as crianças observam como seus pais se envolvem com estes, imitando depois as suas práticas.[...] quanto mais jovens são as crianças, mais elas tendem a reproduzir as práticas de seus pais com os dispositivos digitais (BRITO e DIAS, 2017, p. 75).

Conforme relatado, os pais têm um papel significativo na supervisão do conteúdo consumido pelas crianças, pois elas estão iniciando seus processos de absorção de informações e reprodução de ações, sendo secundária a forma como irão desenvolver-se em meio as tecnologias de uma maneira totalmente particular e autônoma.

Muitos pais ficam desatentos em alguns momentos em que a criança está sozinha na Internet, facilitando que esta tenha contato com conteúdos que podem aparecer de repente no próximo vídeo em que a criança escolher, afinal os aparelhos eletrônicos estão cada dia mais modernos, fazendo com que apenas um simples toque delicado mude de uma tela para outra, por exemplo. Devido a estas situações, as empresas responsáveis por estas redes procuram torná-las cada vez mais seguras para prevenir estes problemas, dando opções aos pais de modos de segurança, como a utilização da plataforma Youtube Kids e a ativação do modo Restrito, por exemplo, limitando assim o conteúdo que as crianças poderão acessar. Como afirmam Dias & Brito (2017):

Na verdade, os pais preocupam-se mais em controlar os dispositivos que as crianças estão autorizadas a usar e o tempo de uso, em vez de monitorar o conteúdo a que elas estão expostas. Os pais acreditam que por as crianças serem ainda tão jovens não estão muito expostas a riscos online porque as suas competências e, conseqüentemente, o seu uso está ainda bastante limitado: eles acedem raramente à internet não interagem com outras pessoas em redes sociais. No entanto, é precisamente no YouTube que as crianças com menos de 8 anos de idade são mais vulneráveis a riscos, principalmente à exposição a conteúdo inadequado. Devido aos dispositivos móveis serem touch-screen e ao funcionamento intuitivo do YouTube, elas podem facilmente seguir as sugestões da aplicação para acederem a conteúdos e, na maioria das vezes, usam o perfil dos seus pais e irmãos mais velhos, ficando assim expostas a conteúdos destinados a adultos ou adolescentes (BRITO & DIAS, 2017, p. 76).

As autoras Brito e Dias (2017) expõem claramente que as redes sociais são importantes recursos de mídia a serem supervisionados nos momentos em que a criança está utilizando. Conforme as autoras, muitas vezes os pais subestimam a capacidade da criança em conseguir acessar páginas ou vídeos impróprios. Pontuam que as crianças aprendem de uma forma diferenciada, mais complicada, porém utilizando métodos de memorização ao ponto de conseguir fazer o acesso. Quando se trata de redes sociais que possuem modo de segurança, como o Youtube, nem todos os pais se atentam em acionar este dispositivo, na aceitação de que limitar o conteúdo não se torna eficaz para impedir o acesso dos filhos:

As crianças são mais competentes do que os pais estão cientes, e por sua vez os pais estão muitas vezes alheios a medidas que podem tomar para proteger as crianças, como o “child mode” do YouTube. No entanto, a maioria acredita que bloquear e proibir o acesso é ineficaz, considerando o diálogo como a melhor maneira de as proteger dos perigos online (BRITO e DIAS, 2017, p. 77).

Em relação às atitudes tomadas pelos pais e responsáveis quanto à privação ou não da utilização da internet pelas crianças, conforme discutido neste trabalho, o autor Anjos (2015, p. 25) afirma:

De certa forma, já é conhecido o posicionamento, de um lado, dos adultos que julgam os dispositivos tecnológicos como instrumentos prejudiciais para as crianças, e, por esse motivo, defendem a privação a esses elementos da cultura e, de outro lado, dos que consideram como potencializadores de aprendizagem e ampliadores do acesso ao conhecimento e, nessa perspectiva, muitas vezes defendem seu uso indiscriminado. E as crianças? O que pensam a esse respeito? O que fazem com esses dispositivos? É necessário, portanto, procurar conhecer a criança e considerar seus pontos de vista, porém isso não significa que esta seja uma tarefa fácil.

Muitos adultos têm diferentes modos de entender a influência da internet na vida das crianças, muitas vezes negando o acesso ou até mesmo liberando o seu uso de forma não supervisionada. Buscar compreender a individualidade da criança, e suas tomadas de decisões ainda são fatores bastante discutidos e nem sempre aceitos pela maioria dos adultos. Para Anjos (2015), um dos primeiros passos para se contribuir na aprendizagem e no desenvolvimento da criança se dá no momento em que o adulto passa a ouvi-la e então buscar compreender suas formas de expressão.

A autonomia que as crianças estão alcançando com a utilização da Internet avança sobre a cultura tradicional do adulto, e muitas vezes, não é aceita por muitos pais e responsáveis, que por vezes não se comunicam o suficiente para orientá-las ou até mesmo aprender com as experiências adquiridas pela própria criança em relação às TDIC.

[...] a cibercultura infantil pressupõe esse intenso diálogo entre adultos e crianças. Se tradicionalmente o mundo do adulto se opunha ao da criança, agora ele se aproxima e de muitos modos se confunde. A criança não é mais vista como um estado de deficiência em relação ao adulto, ela está conectada, informada, cheia de opiniões e disposta a colaborar com outras crianças e com os adultos – em muitos casos, sobretudo quando envolvem os usos das tecnologias digitais, elas sabem mais do que eles. As crianças são as mais perfeitas traduções de eficiências multifacetadas, e boa parte delas é dada pelo modo colaborativo de viver (COUTO, 2013, p. 906).

O diálogo se torna ferramenta fundamental entre sujeitos que aprendem e ensinam, e que estão em constante renovação:

É esse diálogo contínuo que desenvolve e estimula as relações, marcadas por muitos e diferentes tipos de afinidades, que cada um preserva e escolhe para viver. Desse modo, diante do apelo do consumo de imagens, mercadorias e opiniões observamos que certos esforços conservadores para proteger noções tradicionais de infância são predestinados ao fracasso, pois não podemos proteger, limitar ou afastar as crianças do conhecimento de mundo que a cibercultura torna fascinante, irresistível e facilmente acessível (COUTO, 2013, p. 906)

Para uma melhor compreensão da mediação parental, Maidel e Vieira (2015) trazem importantes informações sobre as principais formas de mediação dos adultos em relação ao uso da mídia por crianças. Os autores apresentam essas mediações distribuídas em: Mediação Ativa, retratada com a sigla (MA) que ocorre quando os pais discutem com a criança sobre o conteúdo assistido durante a utilização, dialogando com a criança e criticando quando necessário, gerando na criança o desenvolvimento do senso crítico; Mediação Restritiva, representada pela sigla (MR), que se apresenta quando os pais realizam a mediação sem qualquer tipo de conversa ou acordo com as crianças em relação ao uso. Nesta mediação, a autoridade dos pais prevalece sobre o tempo em que a criança estará utilizando as mídias e sobre o conteúdo que lhe será permitido o acesso; e por fim a Mediação Uso acompanhado, indicada pela sigla (UA), que é quando os pais acompanham e observam as crianças em suas atividades, porém a criança passa a não ser orientada sobre o uso.

O entendimento sobre como funcionam essas mediações são esclarecedores e muito importantes para uma melhor reflexão dos responsáveis quanto ao tipo da mediação desenvolvida por ele, e em quais aspectos positivos e negativos elas podem se encaixar. De acordo com os autores supracitados, os tipos de mediação são influentes no comportamento das crianças que acessam essas mídias.

[...] a MA tanto pode auxiliar a criança a desenvolver seus próprios referenciais de “bom” e “mau” para o conteúdo de mídia como pode levar a criança a questionar e avaliar criticamente tal conteúdo. Mas também pode levar a criança a rejeitar a autoridade parental, principalmente quando os pais discordam de algo que a criança avalia como sendo “bom”, por exemplo, em situações em que a criança prefere um jogo online de conteúdo violento, apesar da contraindicação parental (Pasquier, 2001). A MR parece dificultar o desenvolvimento de um espírito crítico na criança, pois a ausência de conversa priva a criança de elementos para entender o porquê da regra, além de instigar sua curiosidade “pelo proibido”, fazendo-a burlar ou desobedecer às regras dos pais quando não está sob vigilância. Mesmo o UA e o simples monitoramento, acompanhamento ou supervisão das atividades das crianças enquanto envolvidas com as mídias, sem a devida orientação, discussão ou críticas por parte dos pais, podem levar a criança ao entendimento de aprovação” dessas atividades (Kuhlemeier & Hemler, 2007; Rosen, Cheever & Carrier, 2008; O’Keeffe, 2010) (MAIDEL; VIEIRA, 2015, p. 296).

Importante pontuar sobre o que pensam as crianças diante da atitude de seus pais. Entender como elas veem esse processo de monitoramento de seus responsáveis diante das atividades que estão executando na internet tem ajudado os pesquisadores a constatar com dados específicos como essas crianças percebem a mediação. Outra pesquisa apresentada pelo Cetic.br abordou 2.105 crianças e adolescentes com idade entre 9 e 17 anos, no qual expuse-

ram suas opiniões sobre o quanto achavam que seus pais e responsáveis sabiam sobre o que eles fazem na Internet. A pesquisa trouxe em forma de gráfico os seguintes resultados (em %):

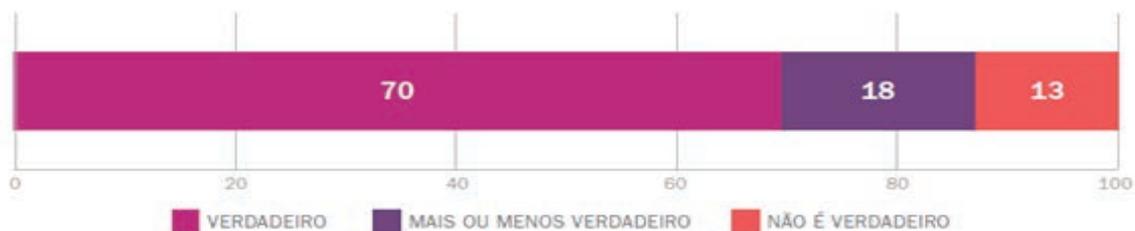
Figura 1. Quanto você acha que seus pais sabem sobre o que você faz na internet? (%)



Fonte: TIC KIDS ONLINE BRASIL (2018, p. 39).

O que a pesquisa constatou através da resposta das crianças e adolescentes é que a maioria delas (35%) relataram que seus pais sabiam muito sobre o que elas estavam fazendo ao utilizar a Internet, e uma minoria (16%) afirmaram que seus pais não sabem nada sobre sua utilização. Porém, outra pesquisa feita pelo mesmo Comitê também traz dados importantes sobre o pensamento das crianças em relação ao seu aprendizado e manuseamento da Internet em comparação ao manuseamento de seus pais, o que resultou nas seguintes porcentagens:

Figura 2. “Eu sei mais sobre a Internet do que meus pais” (%)



Fonte: TIC KIDS ONLINE BRASIL (2018, p. 39).

Conforme o gráfico acima, a grande maioria das crianças entrevistadas afirmou que sabem mais sobre a Internet do que seus próprios pais. Apesar do primeiro gráfico informar que a maioria das crianças entendem que seus pais sabem quais são os seus procedimentos frente à Internet, o fato de se intitularem mais capazes do que eles em relação à prática torna a imagem de mediação ainda à margem de sua realidade, e de suas necessidades. A pesquisa complementa:

Segundo as percepções das crianças e adolescentes sobre o papel da mediação, a maioria considerou seus pais como não suficientemente preparados para ajudar ou orientar para o uso da Internet, ou seja, os adultos não foram percebidos como modelos de comportamento on-line. A maioria das crianças e adolescentes relatou que seus pais sabem o que eles fazem on-line, mas não monitoram nem verificam suas atividades. Isso pode implicar que as crianças e adolescentes percebem a mediação de seus pais com certa distância, com envolvimento menos profundo [...] (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2015, s/p)

Ao buscar compreender a cultura do adulto dentro da nova cultura infantil, pode-se perceber que muito se relaciona com os resultados das respostas das crianças. O fato de que os filhos passam a visualizar seus pais como não tão capacitados para instruí-los quanto a algum

tipo de acesso *on-line* se dá muitas vezes em famílias onde a Internet não fez parte do convívio e da própria cultura dos pais. Neste caso, não é o fato do adulto ter menos capacidade para a utilização do que as crianças inseridas na Cibercultura, mas possivelmente a cultura tradicional desses adultos tenham uma grande influência em suas concepções sobre o uso da Internet, fazendo com que as crianças não visualizem seus pais como bons e preparados usuários.

Sem as limitações ou receios do “legado histórico, cultural e social” dos seus pais, ordem social que não conheceram,[...] as crianças não se sentiram intimidadas e lançaram-se à descoberta deste mundo novo, conquistando sozinhas o seu lugar e alcançando o estatuto de agentes sociais pró-ativos. Esta posição está de tal forma enraizada que, ao invés do seu tradicional papel passivo ou reactivo, as crianças adquiriram a faculdade de transmitir conhecimentos e competências sociais aos adultos (MONTEIRO, 2007, p. 2022).

Mesmo em famílias onde os pais não possuem uma instrução sobre como proceder mediante o uso da internet pelos seus filhos, a mídia informa a todos, com muita frequência, como a Internet está se desenvolvendo na sociedade. Mesmo em lares onde a falta de domínio das TDIC por parte dos adultos possa influenciar na insegurança quanto ao conteúdo que seus filhos acessam ou quanto aos benefícios ou malefícios do uso, esses pais estão informados e passam a perceber melhor se seus filhos estão em segurança quando acessam os sites ou estão passíveis a algum tipo de risco. A pesquisa Tic Kids On-line forneceu em 2016 informações acerca da percepção dos pais quanto a segurança das crianças enquanto utilizam a Internet.

A difusão e ampliação do debate sobre oportunidades e riscos associados ao uso da Internet por iniciativa de políticas públicas também impacta nas respostas de pais e responsáveis. Em 2016, cerca de sete em cada dez (69%) crianças e adolescentes usuários de Internet utilizaram a rede com segurança, segundo a declaração dos seus pais ou responsáveis. A percepção sobre segurança on-line se mostrou maior entre crianças cujos pais têm escolaridade alta (75% com Ensino Médio ou mais) e aqueles das classes A e B (79%) (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2016, s/p).

De acordo com a pesquisa realizada por Maidel e Vieira (2015) sobre a mediação parental com relação ao uso da internet pelas crianças, existem crenças positivas e negativas dos pais em relação à exposição dos filhos à Internet .

[...] as principais crenças positivas apontadas pela grande maioria dos pais referem-se à influência sobre a vida escolar da criança e a aquisição de habilidades consideradas necessárias para a vida adulta. Em contraponto, as principais crenças negativas indicadas referem-se à influência negativa decorrente da exposição a conteúdos impróprios bem como a possível estimulação de comportamentos agressivos. Apesar de conscientes dos riscos e benefícios, nossos resultados sugerem certo otimismo por parte dos pais com relação aos efeitos do uso da internet pelas crianças (MAIDEL e VIEIRA, 2015, p. 305).

Em conformidade com os artigos presentes, os pais e responsáveis pelas crianças têm um grande e importante papel no que se refere à mediação sobre o uso da Internet por seus

filhos. Estes são influenciadores do comportamento infantil de acordo com o tipo de mediação exercida no seu relacionamento com a criança, o que é importante ser discutido entre a sociedade para uma melhor reflexão e orientação sobre as eficiências das mediações e quais os pontos que resultam em alterações positivas e negativas na vida da criança, o que envolve áreas como comportamento, aprendizagem e também relacionamentos. A atuação da criança no universo *on-line*, quando mediada, passa a estar mais assegurada de possíveis perigos, principalmente daquela criança que ainda não alcançou a maturidade ideal para identificar os tipos de comportamentos de outros indivíduos. Nesse aspecto, a atuação dos pais também auxilia no desenvolvimento da percepção crítica da criança em relação às mídias e ao que consumir. É entendível durante o estudo dos artigos que o controle das atividades exercidas passa a ser eficaz quando não se reprime as diversas formas de aprendizado que a criança tem a possibilidade de adquirir diante da mais inovadora tecnologia da informação. O alerta e a conscientização por parte dos familiares pode ser um grande diferencial entre o consumo consciente e com menor possibilidade de futuros problemas.

Mais recentemente, o foco dos debates tem sido a necessidade do controle social dos meios que assegure a liberdade, mas que também regule os limites, sobretudo em relação à violência, discursos de ódio e estímulo ao consumo (Banaji & Buckingham, 2009). Isso significa que as ações de mediação do acesso das crianças à Internet, hoje, não dizem respeito somente a formá-las para lidar com o acesso, mas também discutir, na sociedade, o que não pode circular na rede (pornografia infantil e apologia ao ódio, por exemplo), além de pactuar regras de conduta no ciberespaço e criar leis para coibir crimes (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017, s/p).

Conforme a pesquisa Tic Kids on-line relata, há uma necessidade de expor opiniões sobre o que é fornecido para as crianças durante o acesso à Internet. A mediação se torna primordial para que esta criança compreenda o que deve ou não ser consultado nos momentos *on-line*, porém nem sempre será de escolha da criança o acesso a certos tipos de conteúdos que podem surgir na busca por determinados produtos ou no momento em que está assistindo algum desenho infantil, por exemplo.

A Internet pode tornar-se um problema?

Alguns estudos foram encontrados nos quais os autores expõem suas opiniões acerca de problemas que a Internet pode causar às crianças quando passa a ser utilizada de maneira excessiva ou não supervisionada. Mesmo esta tecnologia trazendo diversos benefícios para as crianças e de que estas são suficientemente capazes de aprender e ensinar em meio à tecnologia, existe a compreensão de que, sem orientação adequada, elas ficam bem suscetíveis a inúmeros problemas que podem ser desenvolvidos pela grande maleabilidade da Internet.

Para um melhor aprofundamento dos estudos, é importante buscar compreender quais são as motivações que atraem as crianças para o uso da Internet. Estudos como o apresentado pelos autores Pereira e Silva (2015) que explicam que as crianças se motivam rapidamente devido às grandes estratégias de marketing que estão espalhadas na Internet. Elas estão conhecendo sempre novos sites, onde estes geram mais propaganda comercial, desenvolvendo na criança novos interesses. Por também serem bastante motivadas pela curiosidade e pelo aprendizado natural, que chega através das descobertas não mediadas por outras pessoas, existe a possibilidade das crianças acessarem conteúdos indevidos ou impróprios para a idade, por muitas vezes de forma não intencional. Por este tipo de situação ser muito comum nos dias atuais, os autores relatam que a Internet e o consumo das mídias devem ser acompanhado com bastante atenção e cuidados devido aos perigos em que as crianças podem se expor. Condiciona também aos educadores a importante missão de instruir seus educandos ao que

pode ser encontrado em meio às diversas mídias, sobretudo, na Internet, através do mercado de consumo infantil

O consumo de mídias só perde para o período do sono. Por isso a importância de se discutir este assunto se faz evidente. Para muitos educadores cabe uma atenção redobrada no alerta sobre os perigos: A televisão manipula, a publicidade estimula valores vazios e a internet está repleta de predadores sexuais. O crescimento do mercado infantil decorre de uma mudança comportamental da sociedade (PEREIRA; SILVA, 2015, p. 2).

A pesquisa Tic Kids Online evidencia que quanto mais tempo dedicado à conexão com a Internet, mais expostas estarão aos diferentes riscos, como exemplifica em dados estatísticos o risco de discriminação anunciado pelos próprios usuários: crianças e adolescentes

Ao mesmo tempo que crianças e adolescentes estão cada vez mais conectados, eles continuam expostos a riscos on-line. Esse é um desafio que precisa ser tratado por pais, educadores e formuladores de políticas públicas. Em 2016, 41% dos usuários de Internet de 9 a 17 anos (10 milhões de crianças e adolescentes) declararam ter visto alguém ser discriminado na Internet – resultado estável em relação a 2015 (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017, s/p).

O fato de a Internet ser um grande recurso que pode ser utilizado a benefício de uma população em geral é constatado em muitas áreas, como ciência e educação, por exemplo. Conforme a pesquisa publicada pela revista Tic Kids On-line no ano de 2017, os estudos sobre os riscos devem ser investigados considerando também os benefícios que a Internet pode proporcionar, onde a partir destes, as crianças poderão ser orientadas pelos responsáveis ao uso seguro da rede.

[...] o debate sobre a mitigação dos riscos e danos *on-line* deve ser equilibrado com um olhar sobre as oportunidades e potenciais benefícios do uso da rede. Entre eles estão: (i) aspectos comunicacionais, os quais envolvem participar de redes sociais, produzir e compartilhar conteúdos; (ii) aspectos de entretenimento, como assistir a vídeos, filmes, shows, ouvir música, e jogar *on-line*; (iii) aspectos de engajamento e cidadania, nos quais usuários da rede discutem problemas de sua cidade ou país, participam de campanhas ou protestos na Internet e conversam com pessoas de outras cidades ou países; (iv) aspectos educacionais e de busca de informação, que envolvem usar a Internet para trabalhos escolares, fazer pesquisas e ler notícias; e (v) aspectos criativos, que compreendem a criação e postagem de vídeos e músicas e o desenvolvimento de *blogs* e *sites*. É a partir de dados sobre as potencialidades da era digital que pais, responsáveis e educadores terão melhores condições de incentivar o uso seguro da rede, o desenvolvimento de habilidades e a cidadania digital (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017, s/p).

A utilização dos recursos On-line pelas crianças é importante para o desenvolvimento de várias atividades informativas e educativas, portanto, os debates e alertas sobre possíveis riscos são extremamente importantes na área familiar e educacional. Quando não existe media-

ção por alguma dessas partes, as crianças passam a não ter uma orientação adequada quanto ao que ver, o que acessar, e ao tempo destinado à essa tecnologia.

Os autores Paiva e Costa (2015) defendem que não é somente a utilização das tecnologias e aparelhos eletrônicos que desenvolve alguns males físicos, psíquicos, sociais e no aprendizado, porém o exagero nas horas em que utilizam e ficam *On-line* é o fator mais importante para o desenvolvimento de problemas:

Evidenciou-se nos depoimentos dos pais e das crianças que o uso excessivo dos aparelhos eletrônicos quando são utilizados de forma indiscriminada trazem grandes riscos para a saúde física, social e mental das crianças, no entanto, viu-se que a ansiedade e agressividade está presente tanto no que se refere à abstinência ao uso da tecnologia como na utilização frequente dos dispositivos eletrônicos que substituem gradativamente as atividades lúdicas tradicionais nas quais tem a capacidade de favorecer o aspecto interpessoal, afetividade e disciplina [...], a ansiedade e agressividade são geradas pela falta de limites na utilização dos aparelhos eletrônicos que comprometem o desempenho escolar, desestrutura os relacionamentos interpessoais e debilita principalmente a saúde física e psicológica da criança ao longo do seu desenvolvimento (PAIVA; COSTA, 2015, p. 2).

Muitos adultos enfrentam essa difícil fase na vida das crianças conectadas à Internet. O que ocorre em muitos casos é que muitas crianças deixam de realizar atividades em que possam se exercitar, brincar com outras crianças em troca de horas com o celular, computador ou tablet. Existem até aquelas que raramente participam desses momentos de brincadeiras, como pular corda, correr, jogar bola, etc

De acordo com Paiva e Costa (2015), as brincadeiras tradicionais em que a criança está fisicamente ativa, em constante movimento ajudam muito na coordenação motora e na criatividade e muitos dessas brincadeiras e brinquedos, ao serem trocados por atividades que envolvam apenas o mundo virtual, prejudicam a experiência das sensações que são extremamente importantes para o correto desenvolvimento do olfato, audição, visão, paladar e tato.

Um outro problema, considerado até mesmo uma condição crônica preocupante, e que pode comprometer a saúde das crianças que passam mais tempo no mundo virtual do que no mundo real é a obesidade. Juntamente com a obesidade, gerada pela falta de exercícios físicos regulares, encontram-se também outros tipos de problemas ocasionados por ela como a hipertensão e os problemas cardíacos. (PAIVA e COSTA, 2015)

Com mais uma contribuição sobre o tema, a pesquisa Tic Kids Online Brasil em sua edição do ano de 2016, apresentou alguns problemas que, baseados em estudos científicos, podem ser agravados devido ao uso excessivo das mídias sociais e digitais:

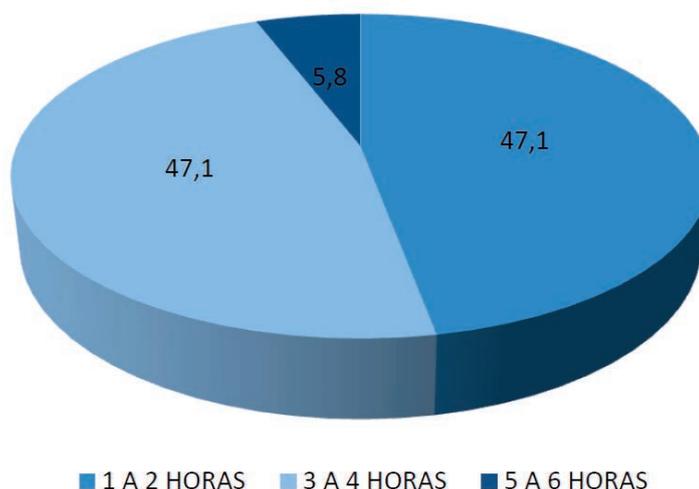
[...] que hábitos alimentares pouco saudáveis, obesidade, sedentarismo, tendência a comportamentos violentos ou agressivos, tabagismo, uso ou abuso de bebidas alcoólicas, entre outras substâncias entorpecentes, desenvolvimento de depressão, transtornos da imagem corporal, do sono, hiperatividade e transtornos de conduta social e sexual estão associados à idade de início e ao tempo de uso de mídias digitais, bem como a mensagens transmitidas por meio de mídias sociais. Embora não possam ser apontadas como único fator causal, as mídias sociais e digitais exercem uma contribuição substancial em todos estes comportamentos de risco (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2016, s/p).

Um estudo realizado por profissionais da Enfermagem com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental trouxe dados precisos em relação à utilização de alguns aparelhos eletrônicos e entre eles, o computador:

[...] atualmente as crianças tem uma vida sedentária ocasionada pelo desenvolvimento da tecnologia, moram em apartamento, geralmente não podem adotar brincadeiras que requerem movimentação, como esconde-esconde, pega-pega e amarelinha, criança passa a maior parte do tempo assistindo TV, jogando vídeos-game ou no computador (PEREIRA, BARBOSA; NASCIMENTO, 2015, p. 9).

O gráfico abaixo demonstra a quantidade de horas em que as crianças ficam dedicadas a estes aparelhos eletrônicos:

Figura 3. Tempo em frente a aparelhos eletrônicos



Fonte: Pereira, Barbosa e Nascimento (2015, p. 14).

É possível verificar no gráfico que existe um alto índice de crianças que ficam entre 3 e 4 horas em aparelhos eletrônicos, o que inclui o uso de computador com acesso a Internet. De acordo com os autores Paiva e Costa (2015), ao se tornar uma criança sedentária, em maior parte devido ao uso das TDIC, a criança pode passar a ter uma vida socialmente prejudicada. Para eles, a partir do momento em que a criança passa por esse processo de dedicação às tecnologias, grandes são as possibilidades do surgimento de outros problemas:

A utilização da tecnologia de forma indiscriminada pelas crianças, provocam o desequilíbrio físico e psicológico, com isso, potencializa o isolamento social através do sedentarismo, característica essa que é predominante na adesão a plataforma virtual, nesse sentido esse fenômeno causa o embotamento afetivo, despersonalização, ansiedade e depressão, impedindo o pleno desenvolvimento e amadurecimento afetivo, físico, cognitivo e social das crianças (PAIVA; COSTA, 2015, p. 5).

Se a TDIC traz uma comodidade muito grande para os adultos, para as crianças não se faz diferente. Dando continuidade ao estudo de Paiva & Costa (2015) essa condição de falta

de exercícios físicos e de brincar com outras pessoas, leva a criança a ter muita dificuldade em conseguir amizades e mantê-las em harmonia diante da diversidade, o que desenvolve diversos tipos de problemas psicológicos.

Quando a criança passa a utilizar as tecnologias e se relacionar nas redes sociais por muitas horas, conseqüentemente sua relação com seus familiares é comprometida quando ocorre certa diminuição do apoio emocional, que é extremamente importante nessa fase da infância. Paiva e Costa salientam, inclusive, que ao vivenciar esta situação, a criança passa a ter um menor desempenho em suas atividades escolares.

O uso indiscriminado da tecnologia desconstrói o vínculo afetivo entre os membros da família, nesse sentido, a ausência de referência de natureza emocional dificulta as crianças a desenvolverem sua cognição no âmbito escolar, pois, a falta de equilíbrio entre o aspecto cognitivo e afetivo compromete o desempenho escolar (PAIVA; COSTA, 2015, p. 5).

Para grande parte dos autores pesquisados, a utilização das TDIC por crianças, feita durante muitas horas do dia gera diversos problemas físicos, psicológicos, sociais e educacionais, evidenciando que elas se tornam ainda mais suscetíveis a esses riscos quando o acompanhamento de suas atividades não é frequente. Importante pontuar que, quando o autor expressa que entre os problemas já discutidos, o desempenho escolar também pode ser prejudicado, torna-se importante ressaltar que as instituições educacionais podem ter um papel importante no auxílio ao combate dos problemas citados.

Um outro fato que foi investigado por mais uma pesquisa Tic Kids On-line é a relação entre os perigos e até onde a criança compreende estar passível a algum risco. Para isso, as pesquisas realizadas com crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos sobre o tema “coisas que incomodariam, chateariam ou assustariam pessoas da sua idade”, publicadas na revista supracitada nos anos de 2012, 2013 e 2014 foram analisadas pelos Grupos de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação (Grudhe) e Mídia e Educação (Grupem). Através dessas análises, foi possível ampliar o conhecimento sobre como as crianças percebem estar em risco ao se conectarem a Internet, considerando aspectos relacionados com a Faixa Etária, Sexo dos participantes, Classe Social, Região e Raça.

De acordo com a pesquisa, crianças que estão na idade entre 9 e 10 anos demonstraram pouca preocupação quanto ao risco de conduta, ou seja, com as formas de tratamento entre os internautas, como por exemplo, o risco de ocorrência do Cyberbullying. Esse resultado difere um dos resultados obtidos pelos adolescentes, que a partir dos 13 anos já apresentaram uma maior preocupação sobre o risco. Conforme a pesquisa, a provável justificativa para este fato seja a de que as crianças que ainda são muito pequenas não desenvolveram autonomia suficiente para entender a conduta de outras pessoas que estão se comunicando *on-line*, porém explica que elas demonstraram capacidade para identificar conteúdos que podem ser perigoso.

[...] independentemente da idade, crianças e adolescentes parecem ser capazes de identificar os conteúdos potencialmente nocivos a eles, o que talvez seja em parte fruto de discussões promovidas em escolas e eventos sociais ou veiculadas nas mídias. (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017, s/p)

Em relação ao sexo dos participantes e a alguns tipos de conteúdos acessados pelas crianças entrevistadas, a pesquisa indicou que as meninas são mais preocupadas que os meninos em relação a se comunicarem com outras pessoas e a acessarem os conteúdos que possuem sexo, preocupação esta que vem aumentando com o passar dos anos. Com os meninos, a pesquisa indicou que se preocupam mais com a agressão e demais conteúdos violentos. (TIC

KIDS ONLINE BRASIL, 2017). O CGI.br relatou a preocupação com esses dados em relação aos conteúdos de violência e ao contato com adultos no ambiente *On-line*.

Mesmo tendo sido pouco mencionado (11% dos incômodos), e se mantendo estável nos anos estudados, o risco de contato com adultos desconhecidos se mostra como ameaça real e não apenas como um incômodo. Essa é uma questão a ser melhor cuidada pelas políticas de proteção dos direitos de crianças e adolescentes. A maior percepção de violência por parte dos meninos pode indicar menor preocupação dos adultos com relação ao acesso deles a esse tipo de conteúdo ou, até mesmo, algum estímulo social a esse acesso. Em nossa sociedade, a masculinidade está associada à afirmação pública da virilidade, [...] o que gera certa naturalização da relação de meninos com a violência, real e simbólica – neste caso, a que está presente em conteúdos veiculados on-line. Desnaturalizar e “desespetacularizar” a violência passa por mediar o acesso (hoje quase inevitável) das crianças a imagens de violência, interditando o acesso a determinados produtos, mas, sobretudo, colocando-se em posição de escuta e de diálogo sobre o que elas veem e pensam sobre o que veem (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017, s/p).

A pesquisa esclarece que existe sim uma diferença entre meninos e meninas com relação aos conteúdos violentos que são expostos sem muita descrição na Internet. É fato que a cultura social tem uma relação muito forte com os conteúdos vistos na Internet, onde os pesquisadores mais uma vez enfocam a responsabilidade da mediação. Em grande parte dos ambientes familiares, meninas são mais protegidas do que os meninos nesses aspectos, aprendendo a temer mais a violência do que os meninos, que por sua vez são mais instruídos para essas situações pelo simples fato de serem do sexo masculino. A comprovação dessas situações não é realizada somente pelos dados de pesquisa, mas é notável pelo convívio social, que gera um certo tipo de normalidade nas questões de violência e agressividade que influencia notavelmente no comportamento de crianças que estão em processo de maturação. Um grande exemplo se comprova nas escolas, onde existem crianças que são influenciadas pelos próprios pais a praticarem a violência quando estes são agredidos de alguma forma por outra criança, como por exemplo, revidar tapas de outras crianças da classe que possuem idades iguais ou semelhantes, puxões de cabelo, mordidas e etc. Como a pesquisa bem afirma, é quase inevitável, nos dias atuais, prevenir crianças de ter acesso a conteúdos violentos, porque eles estão em todas as fontes de mídia. Porém, se além de ter um grande acesso à violência explícita em sites da Internet, os adultos que compartilham da convivência da criança incentivam a esta violência, a cultura do adulto se estabelece nesta criança como certa, normal, natural. O diálogo, o acompanhamento e o acesso mediado se tornam mais uma vez um dos princípios fundamentais para a conscientização.

Em relação as classes sociais, a preocupação com o risco de conduta se apresentou maior entre as crianças pertencentes às classes A e B. Partindo para analisar as regiões do país, a pesquisa informou que crianças do Sul e Sudeste brasileiro têm uma maior preocupação quanto ao conteúdo inadequado, o comportamento das pessoas na internet e a violência. O centro-oeste do país já demonstrou maior atenção aos riscos de acesso a conteúdos pornográficos. O Nordeste se apresenta na pesquisa como menor preocupação em relação a conteúdos de violência e sexo. O estudo apresentou também que, em relação à raça, não houveram diferenças. ((TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017).

Os estudos apresentados através da pesquisa acima revelam a influência da Internet entre crianças e adolescentes, mas sobretudo, nos revela o quanto ela faz parte do convívio social, e que nela podem ser encontrados oportunidades, como também situações de risco

onde as crianças mais novas são mais suscetíveis a estes devido a pouca experiência e aos processos de autonomia.

Esse resultado sugere que a capacidade de se proteger de riscos pode estar associada ao desenvolvimento moral e cognitivo, o que favorece uma compreensão mais crítico-reflexiva das regras associadas ao convívio em sociedade. Na ausência de uma “regra explícita” acerca de como se comportar naquele espaço, fica difícil para as crianças menores perceberem o que são, ou não, condutas adequadas. Já os adolescentes podem operar com regras implícitas, ou seja, compreendem melhor a ideia de que o *ethos* é um conjunto de regras construídas socialmente e, por isso, percebem mais criticamente as situações em que estas são descumpridas. O resultado indica, também, que a experiência na rede, que se amplia com a idade e o tempo de uso, pode favorecer o letramento, na medida em que a maturidade e a experiência possibilitam aprender a filtrar conteúdos e a evitar contato com pessoas indesejáveis (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2017, s/p).

A pesquisa supracitada deixa um alerta do quanto a mediação se faz necessária em especial para as crianças pequenas. Sendo assim, reforça-se a importância dos estudos sobre os processos de utilização feito com idades cada vez menores. Havendo a mediação para o controle dos conteúdos, fica bem mais fácil para a própria criança entender o que ela tem permissão de acessar e identificar condutas inadequadas de outras pessoas em redes sociais, por exemplo.

Considerações Finais

O exame de literatura feito sobre o uso da Internet por crianças permitiu compreender o quanto são impactantes as transformações que a chegada da Internet antes ARPANET, causaram desde 1969 e continuam causando nos dias atuais.

É possível entender através das pesquisas, os saltos de evolução que a Internet trouxe na sociedade, com fatos cada vez mais novos a serem discutidos e descobertos, o que auxiliam, se necessário, na mudança de hábitos em seus consumidores. A literatura acadêmica vem contribuindo exemplarmente com estudos científicos ricos que envolvem diversos aspectos da utilização da internet, neste caso, feito por crianças, e que englobam aspectos imprescindíveis como a mediação.

Os diversos textos apresentados deixam claro que a utilização da internet por crianças é importante para o desenvolvimento intelectual da criança, para que esta esteja informada e para que este recurso seja utilizado como complementar nas atividades escolares. Todos os autores utilizados concordam que a Internet por si própria não é um problema, mas o que deve ser enfrentado é o uso excessivo, prejudicial e sem o acompanhamento adequado feito por adultos.

Consideramos que o presente trabalho traga consigo contribuições para os estudos na área da Educação Infantil e TIC, além de estudos com crianças. As contribuições dos artigos reunidos neste trabalho trazem reflexões as escolas, educadores e pais sobre o quão importante é estar conectado a vida da criança e o quanto explorar o universo virtual pode ser construtivo, tanto para as crianças, como para os adultos. Porém, não se deve excluir a possibilidade dos perigos dessa exploração para as crianças.

Referências

ANJOS, Cleriston Izidro dos. **Tatear e desvendar**: um estudo com crianças pequenas e dispositivos móveis. 2015. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1641>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BARRA, Sandra Marlene; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Os saberes das crianças e as interações na rede. Zero-a-seis**, v. 8, n. 14, p. 1-20, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1776>. Acesso em: 08 abr. 2018.

BRITO, Rita; DIAS, Patrícia. Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros. **Observatorio (OBS*)**, v. 11, n. 2, p. 72|page= 90, 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1646-59542017000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 07 jun. 2018.

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. *Perspectiva*. **Perspectiva**, v. 31, n. 3, p. 897-916, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/29078>. Acesso em: 10 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas de população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2017**. Disponível em: http://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2017/estimativa_TCU_2017_20180618.pdf. Acesso em: 30 jul. 2018.

KEMEC, Flávia Pacheco; FORNO, Gedson Mario Borges Dal. **O uso das mídias na prática docente**: um estudo a partir da Escola de Ensino Fundamental Oliveiro Thaddeo. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MAIDEL, Simone; VIEIRA, Mauro Luis. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em revista**, v. 21, n. 2, p. 293-313, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200006. Acesso em: 06 jun. 2018

MONTEIRO, Ana Francisca. A Internet na vida das crianças: como lidar com perigos e oportunidades. *In: Actas do Challenges 2007*, V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, 2007. p. 522-526. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/31923039/Challenges2007.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. 2015. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PEREIRA, Helena Luísa; BARBOSA, Jaqueline Santos, NASCIMENTO, Matheus Augusto Modesto. **Adulto Saudável**: Educando desde a Infância, 2015. Disponível em: <http://joinville.ifsc.edu.br/~bibliotecajoi/arquivos/pi/enfermagem2015/170979.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018.

PEREIRA, Suzana Cláudia Pessoa; SILVA, Joseilda Maria da. O estímulo ao consumo infantil pela mídia e publicidade. **Anais II CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16435>. Acesso em: 20 jan. 2019.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil.** Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. Disponível em https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_kids_online_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil.** Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_kids_online_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY FUND (UNICEF). NIÑOS em un mundo digital. **Revista Unicef Estado mundial de la infancia**, 2017. Disponível em: [http:// https://www.unicef.org/paraguay/spanish/UN0150440.pdf](http://https://www.unicef.org/paraguay/spanish/UN0150440.pdf). Acesso em 11 jul. 2018.

Recebido em: 10 de março de 2020

Aceito em: 15 de abril de 2021